

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: 11 PASSOS PARA UMA NOVA FORMA AVALIATIVA

Gabriela Almeida Passos

*Graduação, Geografia Licenciatura.
Universidade Tiradentes; Faculdade São Luís de França*

Bruna da Costa Andrade

*Especializanda, Avaliação no Ensino Superior, Didática e Metodologia do Ensino Superior.
Mestranda, Magnetismo, Física da Matéria Condensada.
Especializanda, Metodologia do Ensino de Física.*

RESUMO

As notas e conceitos ainda são tidos como decisivos para a continuidade dos estudos, determinando para o sujeito o status de “sucesso” ou “fracasso” acadêmico, de permanência ou de exclusão do processo escolar, independentemente da adequação ou não dos procedimentos que lhe deram origem. Considera-se que a avaliação seja um conjunto de instrumentos, tarefas, métodos e técnicas utilizadas para acompanhar o aluno, com diferentes tipos de mecanismos, analisando e julgando a execução de todo esse processo de aprendizagem e assimilação do que é ensinado. Sendo assim, o presente trabalho dispõe sobre avaliação da aprendizagem no processo de construção do conhecimento, propondo uma nova proposta de avaliação a partir de 11 passos, em que neste processo os erros não são descartados, mas são referenciados como forma de aprendizagem.

Palavras-chave: avaliação, aprendizagem, erro.

ABSTRACT

The notes and concepts are still seen as crucial to the continuity of the studies that they determinate for the subject status of “success” or “failure” academic, residence or exclusion from school process, irrespective of the appropriateness or otherwise of the procedures that gave origin. It is considered that the assessment is a set of tools, tasks, methods and techniques used to monitor the student with different mechanisms, analyzing and judging the performance of this entire process of learning and assimilation of what is taught. Thus, this work provides for assessment of learning in the process of knowledge construction offering a new proposal for evaluation from 11 steps in this process whose errors are not discarded but they are referred to as a way of learning.

Keywords: assessment, learning and mistake.

1. INTRODUÇÃO

O ato de avaliar está presente em todas as atividades de sala de aula. A clareza do ato, como realizar tal ato é que não está implícita para todos os participantes do processo. Assim, optar por uma avaliação exige que se defina o tipo de mundo que se quer ter. Para isso, é preciso determinar previamente os instrumentos e o modelo de avaliação.

Antes de determinar como acontecerá e quais os procedimentos para se obter uma avaliação da aprendizagem que seja eficiente, condizente com o processo de ensinagem, será preciso saber o significado de avaliação; conhecer os atos básicos de avaliar; e, finalmente, conhecer os modelos de avaliação. Quando não se reconhece tais características importantes do processo de avaliação, o professor, assim como o aluno, terá dificuldades de observar se realmente foi avaliada a aprendizagem, ou apenas foi realizado um exame. Porém isso não é tudo, já que apesar dos professores conhecerem o significado de avaliação, como ocorre, quais os modelos e os instrumentos, ainda surge a seguinte dúvida: “Por que a avaliação ainda é falha?”

É possível verificar que, como o processo de aprendizagem, o processo avaliativo também é contínuo e não acabado. No entanto o mesmo só chega ao fim, quando o processo de aprendizagem também chega ao final.

O presente artigo tem como objetivo propor uma nova proposta de avaliação a partir de 11 passos, em que neste processo os erros não são descartados, mas são referenciados como forma de aprendizagem.

2. O QUE É AVALIAÇÃO

A avaliação em si tem diversas definições a depender da postura tomada pelos seus formuladores. Segundo Haydt (1992), com uma posição tradicional, onde a avaliação é tida como classificatória e, portanto, para as técnicas de construção de provas, define avaliação como:

Avaliar é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores [ou] interpretar dados quantitativos e qualitativos para obter um parecer ou julgamento de valor, tendo por base padrões ou critérios. (HAYDT, 1992)

Diante disso, a postura do professor é sempre vista como prêmio ou punição, agindo numa relação autoritária, onde o professor é tido como o “senhor da verdade”. A intenção ao se adotar tal postura é estabelecer uma classificação do aluno para fins de aprovação ou reprovação, adotando uma metodologia em que a aprendizagem tem término ao se aplicar uma prova, tida como único instrumento de avaliação.

Em busca de melhorias na educação e preocupados a aprendizagem dos alunos, surgiram novos pensamentos e definições de avaliação. Dentre os diversos formuladores, Luckesi (1996) veio a destaca-se com uma nova visão de avaliar. A avaliação é um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão.

Para ele, avaliação serve de base para tomadas de decisão no sentido de construir conhecimentos, habilidades e hábitos que possibilitem o desenvolvimento. A partir de então os erros são vistos de forma mais positiva, sendo o indicador do processo de aprendizagem, dando pistas sobre o que lê, sabe e também do que não foi apreendido. Os erros passam a ter um valor construtivo e devem ser utilizados como oportunidade de observação, de diálogo, de correção, de aperfeiçoamento e construção do conhecimento.

3. QUAIS OS ATOS BÁSICOS PARA AVALIAR?

Para avaliar, o primeiro ato básico é o de diagnosticar, pois é só vendo a situação como ela realmente é que se pode compreender e ajudar. Ainda no ato de diagnosticar, têm-se dois passos fundamentais: a constatação e a qualificação do objeto de aprendizagem.

A constatação implica na coleta de dados relevantes, para configurar o estado de aprendizagem do educando ou dos educandos. Para esta constatação é necessário conhecer os dados relevantes, os instrumentos e a utilização destes instrumentos.

Para conhecer o objeto que precisa ser avaliado, precisam-se obter dados relevantes para tal estudo. Por exemplo, para conhecer sobre as razões dos ingressantes em optar por um determinado curso, foi preciso à análise de dados relevantes para a pesquisa, baseados em questionários. Assim, os dados relevantes deverão ser de suma importância para obter resultados que desejem ser esperados. A avaliação não pode assentar-se sobre dados secundários do ensino-aprendizagem, mas sim, sobre os que efetivamente configuram a conduta ensinada e apreendida pelo educando, de acordo com Luckesi.

E para obter esses dados são de fundamental importância conhecer os instrumentos necessários e como utilizá-los. Os instrumentos para avaliar dependem dos dados que se deseja obter e para cada instrumento tem-se uma determinada utilização. Os instrumentos precisam ser adequados ao processo de aprendizagem, sendo eles adequados ao tipo de conduta e de habilidade, aos conteúdos e na linguagem, como expressa Luckesi. No entanto, a utilização destes instrumentos deverá ser como um agente coletor de dados e não instrumento de disciplinamento, repressão ou castigo.

Dentre os instrumentos, vale destacar: provas, seminários, observações, diário de campo, lista de verificação, portfólio, dinâmica de grupo, entrevista, conselho de classe, anedotário, dramatização, debate, auto-avaliação, mapa conceitual, pesquisas relatório, fichamento, ensaios, monografias, artigos e paper.

Aplicar esses instrumentos exige muitos cuidados para que não distorçam a realidade, desde que nossos educandos são seres humanos e, nessa condição, estão submetidos às múltiplas variáveis intervenientes em suas experiências de vida. (LUCKESI, 2005)

O segundo passo fundamental do diagnóstico é a qualificação do objeto de avaliação. É através desta qualificação que será possível saber se o resultado foi satisfatório ou não, a depender do planejamento de ensino estabelecido previamente. A teoria de ensino, que oferece ao planejar um quadro de referência de significados, também é base de referências da prática da avaliação. Sem esse quadro de referências, a avaliação torna-se mecânica. (Luckesi, 2005)

Enfim, para que um ato de avaliar seja definitivo é necessário observar se o diagnóstico observado foi positivo ou negativo. Assim, por fim terá a tomada de decisão, onde terá a intervenção, e o professor/aluno verá quais dificuldades não foram superadas e o que deve ser feito para modificar tal realidade.

3. MODELOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Existem vários modelos de avaliação, dentre eles estão a avaliação classificatório/excludente, avaliação mediadora e a avaliação formativa.

A avaliação que vem sendo praticada por muitas escolas é fator de não-aprendizagem (e não-mudança). Isso ocorre porque não abarca o todo

(concentra-se na avaliação do aluno), nem se volta por si mesma (meta-avaliação). (VASCONCELLOS, 2005)

A avaliação classificatória/excludente é voltada para aprovação ou reprovação do aluno, sendo os alunos avaliados pela capacidade de reter as informações, sem qualquer preocupação se houve ou não aprendizagem. Esse tipo de avaliação exclui o aluno da aprendizagem, do saber. O aluno não aprende, pois não tem ninguém que o ensine a aprender.

A avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento no processo de construção de conhecimento. O que exige uma relação direta com ele a partir de muitas tarefas (orais ou escritas), interpretando-as (um respeito, tal subjetividade), refletindo e investigando teoricamente razões para soluções apresentadas, em termos de estágios evolutivos do pensamento, da área de conhecimento em questão, das experiências de vida do aluno. (HOFFMAN, 2007)

Hoffman ainda revela que as provas e notas são redes de segurança em termo de controle que os professores exercem sobre as escolas. Ela acredita que os mitos que se encontram na mente do professor e dos alunos devem ser abolidos para que haja uma prática avaliativa condizente e coerente com o ensino. Sendo assim, o processo de construção de conhecimento é complexo e trabalhoso.

A avaliação formativa envolve três tipos de avaliação, segundo Zabala (1998): inicial, reguladora e somativa.

O paradigma da avaliação formativa é o modelo ideal regulador das práticas de avaliação no meio educativo. Para avançar na direção desse modelo ideal é necessário distanciar-se das práticas de avaliação escolar em torno das questões, decisões, objeto e instrumentação. Tornando a prática do avaliador no seu dia-a-dia, mais consciente. (HADJI, 2005)

Apesar dos professores conhecerem o significado de avaliação, como ocorre, quais os modelos e os instrumentos, por que a avaliação ainda é falha?

4. PASSOS PARA UM NOVO METODO DE AVALIAÇÃO

A avaliação não pode ser tida como um processo acabado, ela precisa ser levada como algo contínuo e em constante evolução. A avaliação precisa deixar de ser conservadora e autoritária, para torna-se amorosa, inclusiva e inovadora.

Errar ou acertar tem o mesmo efeito e um é tão determinante quanto o outro, se a intenção de quem educa (ou ensina) é saber em que situação real o aluno se encontra quando se realiza a atividade proposta. É para Vygotsky, a “Zona Real de desenvolvimento”, ou seja, aquilo que o aluno consegue realizar com autonomia, sem ajuda, naquele momento do processo. (BOZZA, 2007)

A nova proposta como método de avaliação é baseada na teoria do erro, tão citada por Luckesi. A avaliação ocorrerá nos seguintes passos:

1ª passo: Determinações por parte do professor de quais assuntos deverão ser abordados para aquela primeira avaliação;

2ª passo: Identificação da realidade do aluno e dos objetivos traçados pelos mesmos. Neste momento, os alunos deverão expor seus conhecimentos prévios sobre o devido assunto a ser explanado, se possível exemplificar casos que possam ocorrer no dia-a-dia. Esta identificação deverá ser realizada via diário de bordo e sempre ser atualizada com as discussões de cada encontro;

3ª passo: Desenvolvimento do tema a ser explanado pelo professor, fazendo citações dos diários de bordo. Neste momento, o professor deverá antes de explicar o assunto, perguntar ao aluno o porquê dele pensar daquela maneira, tida inicialmente como incorreta ou incompleta.

4ª passo: Interação aluno-aluno. Neste momento o professor poderá perguntar quem concorda e quem discorda com aquele outro aluno e saber o porquê.

5ª passo: Interação aluno-professor. O professor poderá, através de perguntas, instigar a curiosidade e a evolução do conhecimento. O aluno resolverá os problemas de maneira lógica e evolutiva.

6ª passo: Explanção do conteúdo teórico via livro didático, recortes de revistas, músicas, seminários, atividades em grupo e elaboração de atividades.

7ª passo: Debate dos exercícios propostos, onde a resolução dos exercícios deverá ser realizada sob supervisão, sem intervenção do professor.

8ª passo: Realização da prova escrita.

9ª passo: Realização de um debate oral sobre as questões da prova. O aluno deverá explicar o caminho que ele percorreu até obter a resposta da questão da prova; caso alguém tenha chegado a outro resultado deverá explicar como chegou ao mesmo. A finalidade desse debate é que os alunos cheguem a uma conclusão mútua e assim expressem, “Ah, agora entendi!”, finalizando assim o debate.

Enfim, o erro do aluno é um excelente referencial para o professor redimensionar sua prática pedagógica, ganhando dianteira ao não esperar que todos acertem, mas, ao invés disso, utilizar-se dos equívocos para somar atuais e futuras dúvidas, consolidando saberes e ampliando competências necessárias à vida. (BOZZA, 2007)

10ª passo: A partir do debate feito anteriormente, cada aluno irá se auto-avaliar, indicando para a prova feita uma nota de zero a cinco, ou um conceito, a depender da instituição.

11ª passo: Avaliação do professor. O professor avaliará a aprendizagem do aluno, a partir da observação do debate, do diário de bordo e do que o aluno respondeu na prova escrita. O professor avaliará de zero a cinco, ou dará um conceito, a depender da instituição e depois somará a sua nota estabelecida com a auto-avaliação aluno, obtendo assim uma nota final.

Assim, a avaliação vai além de uma avaliação somativa e de outros métodos de avaliação, onde tanto os alunos quanto os professores poderão verificar se os objetivos foram ou não alcançados; e se não foram, saberão identificar onde existe a falha, e a corrigirão antes mesmo de avançar a mais um nível de aprendizagem. Isso somente será possível, a partir do momento em que os alunos encontrarem seus “erros” e tentarem corrigi-los ou procurarem uma solução para aquele determinado problema.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para obtenção de resultados esperados na avaliação, não se faz necessário um modelo idealizado de aluno, nem um modelo idealizado de professor. É preciso apenas à transformação da realidade avaliada, é preciso de um novo modelo de avaliação que venha suprir as necessidades, e que ao final do processo da aprendizagem os objetivos sejam alcançados, por todos que compõem o processo ensino-aprendizagem.

Os princípios da construção, reflexão e criatividade abrem caminho para a auto-avaliação. Enquanto assim trabalha, o aluno está permanentemente avaliando seu processo. A auto-avaliação, outro princípio, é, então, um

componente importante. A construção, a reflexão e criatividade conduzem-no a desenvolver a capacidade de avaliar seu desempenho com o objetivo de avançar sempre. (VILLAS BOAS, 2004)

Ainda é importante lembrar que a auto-avaliação não tem significado algum, se não for correspondida. A auto-avaliação isolada é apenas um ato egoísta de ver somente uma forma de pensamento, é preciso abrir os horizontes e verificar a forma, a maneira de pensar do outro, para a partir de então chegar a um consenso, pois a aprendizagem também poderá vir do nosso provável erro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HADJI, Charles. **Por uma avaliação mais inteligente**. Revista Pátio. Ano IX. N. 34. Maio/jul. 2005.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1992.

HOFFMAN, Jussara. **Mito & desafio**. 38. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 3ª edição, São Paulo: Cortez, 1996.

LUCKESI, C. Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 17. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VASCONCELLOS, Celson dos Santos. **A avaliação e o desafio da aprendizagem e do desenvolvimento humano**. Revista Pátio. Ano IX, n. 34, maio/jul. 2005.

VILLAS BOAS, B.M.F. **Portifólio, avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas: Papyrus, 2004

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artemed, 1998.